



XIX Seminário Nacional de Distribuição de Energia Elétrica

SENDI 2010 – 22 a 26 de novembro

São Paulo – São Paulo – Brasil

Projeto Vitória Corte Elektro Geração de renda e cidadania em comunidades de baixa renda

Alcino Vilela	Alessandra Rondinelli	Bruno Moretti
Elektro	Elektro	Elektro
alcino.vilela@elektro.com.br	alessandra.rondinelli@elektro.com.br	bruno.moretti@elektro.com.br

Palavras-chave

- Sustentabilidade
- Geração de renda
- Comunidades de baixa renda
- Cidadania
- Eficiência Energética

Resumo

O presente trabalho visa a apresentar o projeto **Vitória Corte – Geração de renda e cidadania em comunidades de baixa renda**, cujo objetivo é fortalecer o potencial de liderança e empreendedorismo de mulheres residentes em comunidades de baixa renda do Guarujá beneficiadas pelo projeto de eficiência energética da Elektro – Projeto Energia Comunitária Elektro – “Por uma comunidade melhor”.

O projeto tem por objetivos específicos: a) contribuir para a formação empreendedora; b) promover o protagonismo da mulher nas comunidades atendidas; c) contribuir para o desenvolvimento sustentável das comunidades atendidas; d) potencializar a condição das mulheres como agentes ativos do desenvolvimento sustentável; e) fortalecer a cultura de responsabilidade socioambiental e sustentabilidade na Elektro.

A iniciativa visa a preservar a diversidade cultural e promover a produção de artesanato, por meio da valorização do saber popular, da releitura de objetos e do reaproveitamento de matérias prima, viabilizando a democratização da produção cultural.

1. Introdução

Em 2000, o povo brasileiro foi apontado como “o mais empreendedor do mundo”, segundo a pesquisa realizada anualmente pela *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM) - instituição criada pela *London Business School*, o *Babson College* de Boston e a Fundação Kauffman. Entre 1990 e 1999, segundo o Sebrae, em média, foram criadas no país 500 mil empresas a cada ano. O perfil do empreendedor brasileiro pode ser conferido na tabela abaixo:

TABELA 1
PERFIL DO EMPREENDEDOR BRASILEIRO

GÊNERO	A proporção de mulheres no total da população empreendedora saltou de 29%, em 2000, para 46%, em 2003. ¹
	Cerca de 36% dos novos negócios criados no Brasil são iniciativa das mulheres.
	Taxa de atividade empreendedora para mulheres no Brasil é de 11,7%. ²
IDADE	65% dos empreendedores têm idade entre 25 e 44 anos.
	Apenas 17% dos empreendimentos são gerados por pessoas com idade acima dos 45 anos.
EDUCAÇÃO	A maior taxa de atividade econômica (TEA) - 19% - está entre pessoas que possuem mais de 11 anos de estudos. ³
RENDA	70% dos empreendimentos criados são gerenciados por pessoas que recebem menos de 06 salários mínimos por mês
	40% dos empreendedores recebem menos de 3 salários mínimos.
	21% dos empreendedores recebem de 6 a 15 salários mínimos

Fonte: GEM (Global Entrepreneurship Monitor) que monitora o nível de empreendedorismo em 30 países de todos os continentes traçou o perfil do empreendedor brasileiro em 2003.

Os professores Drs. Jim e Joann Carland criadores do instrumento denominado Carland Entrepreneurship Index – CEI, um índice de empreendedorismo, concluíram que o empreendedorismo é uma função de, principalmente, quatro elementos: a) traços de personalidade (necessidade de realização e criatividade), propensão a b) inovação, c) risco e d) postura estratégica. Segundo Kets de Vries [2001], “os empreendedores parecem ser orientados para realização, gostam de assumir responsabilidades por suas decisões e não gostam de trabalho repetitivo e rotineiro. Os empreendedores criativos possuem alto nível de energia e alto grau de perseverança e imaginação que, combinados com a disposição para correr riscos moderados e calculados, os capacitam a transformar o que freqüentemente começa como uma idéia (visão) simples e mal definida em algo concreto”.

O protagonismo empreendedor remete à idéia da pessoa participar como ator principal em ações que não dizem respeito à sua vida privada, familiar e afetiva, mas a problemas relativos ao bem comum, na escola, na comunidade ou na sociedade mais ampla⁴. Enfim, é um tipo de ação de intervenção no contexto social para responder a problemas reais onde a pessoa é sempre o “ator principal”. Essa nova concepção do papel do protagonista na sociedade visa a passar a mensagem da cidadania por meio da prática e da ação na transformação da sociedade e da interação com a comunidade.

Imagem 1 – Artesanatos produzidos pelas mulheres do projeto Vitória Corte.



¹ As mulheres têm um perfil empreendedor mais interessante do que o homem por já terem experiência na gestão de suas residências e, devido a isso, a mulher tem mais credibilidade em relação ao cumprimento de seus compromissos empresariais. Tradicionalmente, a política de empréstimo nas instituições de microcrédito é de repassar o dinheiro preferencialmente para as mulheres por serem consideradas mais econômicas, otimizando e administrando melhor os recursos. Essa posição é confirmada pelo Muhammed Yunus em *O Banqueiro do Povo*, sobre a experiência de microcrédito do Banco Grameem em Bangladesh.

² Os países que possuem menor diferença nas taxas de empreendedorismo entre homens e mulheres são, pela ordem, Itália, Chile, África do Sul e China. No Brasil a diferença é de 2,5 pontos percentuais.

³ Isso indica que, cada vez mais, os futuros donos de micro e pequenas empresas procuram se especializar e se profissionalizar, participando inclusive de cursos e treinamentos sobre gestão empresarial.

⁴ Fonte: site www.protagonismojuvenil.org.br - acessado em 28 de março de 2005.

2. Desenvolvimento

Visão, Missão e Valores da Elektro



Instituto Elektro

Em dezembro de 2003, a Elektro e a Elektro Comercializadora criaram o Instituto Elektro para gerir os projetos e projetos sociais voltados para a comunidade. O Instituto teve o mérito de unir a força do voluntariado interno à vontade empresarial de incentivar o desenvolvimento nas comunidades para a qual a Elektro distribui energia elétrica. Deve-se ressaltar que algumas dessas comunidades que estão em sua área de concessão possuem os menores índices de Desenvolvimento Humano (IDH) do Estado de São Paulo.

O Instituto Elektro, desde 2005, possui um Sistema de Gestão da Qualidade certificado de acordo com a norma ABNT NBR ISO 9001:2004 para o desenvolvimento, implementação e gestão de projetos e projetos sociais.

Imagem 2 – Certificação ISO 9001 da Bureau Veritas.



As ações do Instituto Elektro são orientadas por um conjunto de princípios de gestão que determinam as suas relações com seus públicos estratégicos. Esse conjunto é disseminado com vistas a garantir o alcance dos objetivos do Instituto Elektro.

O motivo da implementação do projeto social proposto deveu-se à ausência de projetos de geração de renda nas comunidades de baixa renda beneficiadas pelo projeto de eficiência energética da empresa, Projeto Energia Comunitária Elektro.

Como é um projeto de desenvolvimento de capacidades, o impacto da ação do ponto de vista do participante se dará em longo prazo, sendo difícil o acompanhando individual dos alunos. Do ponto de vista do Projeto, como já ocorrido durante os pilotos implementados, foi possível constatar:

- a) há um grande interesse das mulheres em participarem do projeto;
- b) há uma grande satisfação do parceiro local identificado em ser parceiro do Instituto Elektro/Elektro;
- c) há um grande interesse dos membros da associação de moradores em se tornarem voluntários no projeto.

A proposta do projeto:

- atende aos princípios 7 e 8 do Global Compact;
- contribui para alcançar o objetivo 8 dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio;
- atende ao indicador 18 dos Indicadores Ethos de Responsabilidade Social Empresarial;
- está alinhada com a estratégia de atuação social do Instituto Elektro.

A partir da consolidação do plano de negócio em empreendimento, a mulher empreendedora desenvolverá ainda mais as relações com outros empreendedores, entidades, organizações e comunidade local. A interação entre as mulheres empreendedoras com outros agentes da região permitirá estabelecer parcerias para o desenvolvimento local.

Público-alvo

O público-alvo do projeto são mulheres moradoras das comunidades de baixa renda beneficiadas pelo projeto Energia Comunitária Elektro.

Imagem 3 – Dinâmica de socialização – “O barco”.



Abrangência geográfica do projeto social

O projeto foi implementado em onze comunidades de baixa renda da cidade do Guarujá/SP: Morro do Engenho, Cachoeira, Santa Clara, Morro da Bela Vista, Morrinhos I e II, Vila Áurea, Vila Zilda, Vila Edna, Vila Júlia e Vila da Noite.

Objetivo

Com o objetivo de fortalecer o potencial de liderança das mulheres e contribuir para o desenvolvimento sustentável das comunidades, foi lançado em março de 2007 o projeto **Vitória Corte – Geração de Renda e Cidadania em Comunidades de baixa renda**. O projeto foi implementado no município do Guarujá/SP.

Objetivos específicos

- Preservar a diversidade cultural, os saberes populares e as histórias das mulheres que vivem nas comunidades de baixa renda atendidas pelo Programa de eficiência energética da empresa – Energia Comunitária Elektro – “Por uma comunidade melhor” – mediante o registro das técnicas artesanais existentes na região, desde que as que são nativas do município até aquelas que vieram com os integrantes do grupo;
- Viabilizar o aprimoramento e a estruturação do grupo de artesãs da Oficina de Bordado e Costura Vitória Corte para possa, com sua produção, gerar um sistema autossustentável de compartilhamento do conhecimento e da renda;

- Promover a reinserção cultural e social das integrantes participantes do projeto, tornando a oficina numa referência de aprendizagem, de cultura e de liberdade, motivo de orgulho para a comunidade e o município.
- Propiciar com as “Oficinas-Escola”, novas oportunidades de desenvolvimento artístico, pessoal e profissional, e viabilizar a inserção das participantes na Oficina de Bordado e Costura Vitória Corte;
- E, por fim, retomar a produção artesanal e suas interfaces: a transmissão e o compartilhamento do conhecimento pela oralidade, o reaproveitamento de matérias-primas, as criações coletivas de trabalho em comunidade, preservando a individualidade dentro do coletivo, instaurando uma consciência sobre o aprendizado, o empoderamento sobre o que se constrói em grupo e a conscientização sobre o meio onde se vive.

Justificativa do projeto

No século XXI, a era da sustentabilidade, presenciamos a revalorização do artesanato, uma expressão que outrora não era reconhecida como importante e, que atualmente, expressa a customização, o natural, o simples em contraposição à produção industrial, às novas tecnologias da informação e do entretenimento e à velocidade da era digital.

A produção artesanal encontra ressonâncias nas diretrizes das políticas culturais vigentes, pautadas na diversidade cultural e na democracia, na capacidade de autogestão das comunidades e dos artesãos, na singularidade das criações e na preservação do patrimônio cultural. Esses são fatores inerentes à produção artesanal que justificam sua importância na produção cultural brasileira.



Imagem 4 – Artesanatos produzidos pelas mulheres do projeto Vitória Corte.

A riqueza observada na produção artesanal existentes nas comunidades de baixa renda do Guarujá faz parte da diversidade cultural existente na região. Sua origem remonta às correntes migratórias provenientes das diversas regiões do País, em especial, de Minas Gerais e do Nordeste para a capital paulista, durante a segunda metade do século XX. A falta de trabalho na capital obrigou muitas famílias a um novo deslocamento em direção ao litoral paulista. Oriundas desse processo, as mulheres guardam estes saberes e hábitos que passam de geração a geração pela oralidade e que, pelo contato entre as culturas, foram transformados em uma expressão cultural complexa e heterogênea, na qual se mesclam elementos da cultura de origem com informações da indústria cultural e se origina uma identidade multifacetada.

Nos séculos anteriores, as mulheres, em especial as de famílias mais simples, tinham na sua educação de donas de casa o aprendizado dos afazeres domésticos e das habilidades artesanais passadas de mãe para filha. As habilidades artesanais faziam parte do contexto em que viviam, eram peculiares àquela região, pertenciam àquela cultura. A sociedade contemporânea e o reforço para a expansão do consumo de bens industrializados colocaram em um lugar desvalorizado a produção e a utilização de bens artesanais pelas camadas populares. Esses “saberes” passaram a ter pouco valor e, sem espaço para fruição, correm o risco de perderem com o decorrer do tempo.

Metodologia

O projeto criou oportunidades de desenvolvimento cultural, social e econômico para as mulheres das comunidades de baixa renda. Por compreender a carência do público da região, tanto no acesso à cultura quanto no acesso ao mercado de trabalho, o projeto tem por escopo a valorização dos conhecimentos artísticos, individuais e coletivos, assim como da cultura e da história de cada participante, além da geração de renda.



Imagem 5 – Artesanatos produzidos pelas mulheres do projeto Vitória Corte.

As oficinas de artesanato abrangem três aspectos: a valorização do aprendizado, a sensibilização para as artes e a cultura, e o desenvolvimento técnico para a criação e produção do artesanato. A metodologia de criação e desenvolvimento conta com a troca de informações, as habilidades e a história de cada oficinista, recriando, assim, o processo de passagem do conhecimento pela oralidade. As criações nascem a partir das técnicas já conhecidas e das novas que são incorporadas, integrando a elas o procedimento de reaproveitamento de resíduos industriais, como as sobras de tecido do setor têxtil.

O ponto de partida é o interesse das mulheres em aprender e a primeira abordagem é a técnica do artesanato em costura. Juntamente com a formação técnica, estimula-se um ambiente propício à criação e ao desenvolvimento pessoal e, a partir da convivência e da confiança construídas no grupo, naturalmente outras técnicas artesanais vão surgindo. As integrantes retomam suas histórias e percebem que possuem conhecimentos que foram transmitidos de geração em geração, que têm habilidades artesanais e que são capazes de criar. Depois da identificação das técnicas, as participantes ensinam umas às outras o que sabem, tornando-se multiplicadoras. Trata-se de uma das etapas mais importantes do processo, pois é o momento das descobertas e das mudanças em que se começa a valorizar o saber artesanal.

As técnicas identificadas e que passaram a integrar as criações das artesãs foram: bordado, crochê, pintura em tecido, utilização de matérias-primas residuais, fuxico e a tecedura de redes de pesca. Ressalta-se que faz parte dos conceitos da metodologia do projeto estar aberto a novas técnicas que possam surgir e que contribuem para incrementar o conhecimento coletivo. As oficinas de iniciação começaram pela costura e, com o domínio dessa, criaram-se as bases para o desenvolvimento de outras habilidades artesanais.



Imagem 6 – Produção de artesanatos – costura.

O projeto acontece na Associação Comunitária de Vila Zilda e conta com a participação das moradoras das seguintes comunidades: Morro do Engenho,

Cachoeira, Santa Clara, Morro da Bela Vista, Morrinhos I e II, Vila Áurea, Vila Zilda, Vila Edna, Vila Júlia e Vila da Noite. De acordo com os dados da Prefeitura do Guarujá, as comunidades abrangidas possuem uma população de 76 mil pessoas.

As oficinas que compõem o programa são: “Criação e Produção Artesanal I”, de aprofundamento, com doze meses de duração, e “Oficinas-Escola I, II, III, IV, V e VI”, de iniciação, com quatro meses de duração cada uma. A primeira oficina oferece, inicialmente, aulas para as artesãs do grupo Oficina de Bordado e Costura Vitória Corte que participaram da edição do programa em 2008. As aulas acontecem de segunda a quinta-feira, no período da tarde, sendo que o período da manhã destina-se ao estudo livre, às pesquisas e à produção do grupo. Faz parte do conteúdo a apresentação de ferramentas que viabilizem a divulgação e a distribuição das criações, a fim de propiciar rendimento às artesãs. Atualmente, as peças são distribuídas a lojas de artesanato, feiras e bazares.



Imagem 7 – Artesanatos produzidos pelas mulheres do projeto Vitória Corte.

Já as “Oficinas-Escola” oferecem 90 vagas totais (15 por turma), com um encontro semanal de quatro horas para cada turma. Cada oficina tem a duração de quatro meses. Os critérios de seleção são: maioria de 18 anos, disponibilidade de horário, ordem de chegada e residência em um dos bairros que compõem o programa.

Essas oficinas possibilitam que o projeto alcance maior número de beneficiárias. Para participar, não se exige nenhuma habilidade técnica, mas simplesmente que a candidata tenha vontade de aprender e de trocar conhecimento com o grupo. Se houver

interesse por parte do participante, após o término da oficina-escola ela poderá integrar o grupo “Criação e Produção Artesanal I”.

As artesãs da oficina “Criação e Produção Artesanal I” atuam como monitoras nas Oficinas-Escola, estabelecendo uma relação contínua de aprendizagem na comunidade. Dentre as participantes, são selecionadas três que demonstram maior aptidão para ensinar. Por esse trabalho, as voluntárias recebem ajuda de custo. As eleitas passam por um treinamento que as habilita a serem multiplicadoras. E, a partir do interesse demonstrado, da disponibilidade e do jeito para ensinar, elas são orientadas e monitoradas.

O material didático e de infraestrutura necessário à execução do projeto é de responsabilidade da produção. A etapa de preparação compreende o período de adequação do espaço para receber as oficinas de iniciação, preparação do material didático e recebimento das inscrições. O patrimônio é documentado por meio dos seguintes sistemas de registro: fotográfico, escrito/brochura e em vídeo.

Infraestrutura do projeto

- **Equipamentos:** 14 máquinas de costura reta; 1 máquina de overlock; 1 máquina de interlock; 1 máquina de costura caseira.



Imagem 8 – Produção de artesanato.

- **Acessórios:** 50 cadeiras; 3 armários fechados com chave; 4 mesas; 2 araras; 2 ventiladores.
 - **Materiais para as oficinas:** tecidos, aviamentos como linhas de costura, de bordado e de crochê, resíduos industriais diversos (retalhos de tecidos, feltro, sobras de ferragens, zíperes e aviamentos), tesouras, réguas, fitas métricas, giz, agulhas, alfinetes, bastidores, papel carbono, papel craft, material escolar em geral (cadernos, lápis, grafite, lápis de cor, papel branco, colorido, caneta hidrocor), tinta, flip chart, lousa, quadro de avisos, entre outros.
 - **Alimentação:** lanche para as participantes das oficinas – água, suco, café, bolacha, pão, bolo, canecas de plástico etc.
 - **Limpeza e higiene:** bucha, detergente, sabão, desinfetante, sabonete, papel higiênico, vassoura, rodo, pá de lixo etc.
- **Transporte:** locação de transporte (ônibus e vans) e compra de combustível para os passeios que fazem parte das aulas de visita aos aparelhos culturais, a fim de conhecer o patrimônio histórico e a biodiversidade local.

Parcerias

O projeto contou com a parceria da Associação Mundaréu, Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP) e da Associação Comunitária Vila Zilda. O Instituto Elektro e a Elektro além de realizarem o projeto, contribuiu para a reforma e a estruturação da Sede Comunitária Vila Zilda. A Associação Mundaréu atua na promoção e no desenvolvimento sociocultural por meio da produção artesanal, desde 2001. A instituição já implementou projetos em diversas comunidades de São Paulo.

3. Considerações Finais

Os relatórios trimestrais do projeto apontam os resultados subjetivos que o projeto atingiu. O de maior significado é a construção de uma identidade cultural do grupo, via artesanato, por meio de um processo que possibilita a criação e a recriação de objetos que reproduzem esse conjunto de informações que caracterizam o contexto de vida atual das pessoas. No instante em que se identificam os saberes, as técnicas, as histórias, em que as participantes se reconhecem no que fazem, elas também passam a se valorizar. Nesse momento, passa a existir o “grupo”, em um contexto social específico, com indivíduos que se reconhecem como parte de um coletivo, e que enquanto agente modificador de sua própria vida.



Imagem 9 – Artesanatos produzidos pelas mulheres do projeto Vitória Corte.

Além disso, a estruturação do projeto representou uma oportunidade de convívio comunitário, de liberdade de expressão, de troca de conhecimentos e a oportunidade de ter um espaço coletivo, em uma região desfavorecida de oportunidades. Nenhuma das comunidades selecionadas possui centros culturais, cinemas, teatros ou bibliotecas.

O êxito do projeto deve-se a diversos motivos, dentre eles, a formação de um grupo coeso de 25 mulheres que originou a Oficina de Bordado e Costura Vitória Corte. A procura por novas vagas denota também o sucesso do projeto. Devido à repercussão da iniciativa em toda região, a lista de espera conta com cerca de 300 nomes.

O projeto representa hoje para essas mulheres e para a Associação Comunitária Vila Zilda muito mais que uma possibilidade de desenvolvimento criativo e econômico: significa uma oportunidade de cidadania. A sustentabilidade do grupo depende da aliança do setor público, o privado e a sociedade civil organizada, para que possa concluir o seu processo de aprendizado e estruturação e se solidificar como um grupo que se torna referência.

E, por fim, amalgamando o significado real da sustentabilidade a ser conquistada em todos projetos originados pela movimento da responsabilidade socioambiental no setor privado, a Elektro conquistou, além do reconhecimento da população, a diminuição da inadimplência dos moradores beneficiados pela projeto de eficiência energética Energia Comunitária Elektro, uma vez que o incremento da renda familiar das participantes do projeto contribui para a garantia do pagamento da conta mensal de energia elétrica.



Imagem 10 – Exposição e venda dos artesanatos produzidos pelo projeto Vitória Corte.

4. Referências bibliográficas e/ou bibliografia

- ARMSTRONG, Thomas. Inteligências Múltiplas na Sala de Aula. São Paulo: Artmed Editora, 2001.
- ASHOKA EMPREENDEDORES SOCIAIS E MCKINSEY & COMPANY, INC. Empreendimentos Sociais Sustentáveis – Como Elaborar Planos de Negócio para Organizações Sociais.

- AUSTIN, James E. Parcerias – Fundamentos e Benefícios para o Terceiro Setor. São Paulo: Peter F. Drucker Foundation / Futura, 2001.
- DINSMORE, Paul Campbell e SILVEIRA NETO, Fernando Henrique da. Gerenciamento de Projetos – Como Gerenciar seu Projeto com Qualidade, Dentro do Prazo e Custos Previstos. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2004.
- FLEURY, Maria Tereza Leme e OLIVEIRA JR., Moacir de Miranda (org.). Gestão Estratégica do Conhecimento – Integrando Aprendizagem, Conhecimento e Competências. São Paulo: Editora Atlas, 2001.
- HARVARD BUSINESS REVIEW. Gestión del Conocimiento. Bilbao: Deusto: 2000.
- JAGUARIBE, Hélio. Introdução ao Desenvolvimento Social. São Paulo: Círculo do Livro, 1978.
- KEELLING, Ralph. Gestão de Projetos – Uma Abordagem Global. São Paulo: Editora Saraiva, 2002.
- MONTAÑO, Carlos. Terceiro Setor e Questão Social – Crítica ao Padrão Emergente de Intervenção – 2º Edição. São Paulo: Cortez Editora, 2002.
- NICOLAÏ, André. Comportamento Econômico e Estruturas Sociais. São Paulo: Editora da USP / Companhia Editora Nacional, 1973.
- OLIVEIRA, Silvio Luiz. Sociologia das Organizações – Uma Análise do Homem e das Empresas no Ambiente Competitivo. São Paulo: Pioneira / Thompson Learning, 1999.
- PERRENOUD, Philippe. Dez Novas Competências para Ensinar. Porto Alegre: Artmed Editora, 1999.
- TILLMAN, Diane e COLOMINA, Pilar Quera. Guia de Capacitação do Educador – Projeto Vivendo Valores na Educação. São Paulo: Editora Confluência, 2004
- TOURAINÉ, Alain. O Método da Sociologia da Ação: A Intervenção Sociológica. Novos Estudos. Cebrap. 1 (3), p. 36-45. Julho, 1982. (Tradução de Danielle Ardaillon; originalmente publicado na Revue de Sociologie Schewiz-Ges. F. Soziologie / Soc. Suisse de Sociologie)

Sites

- <http://www.empreendedores.net/>
- <http://www.sebrae.com.br>
- <http://www.cp.cefetpr.br/empreendedor/>
- <http://www.academiasocial.org.br/>
- <http://www.rits.org.br/>
- <http://www.mundareu.org.br>